

ÉRICO VERÍSSIMO ALÉM-FRONTEIRAS

Donizeth Santos¹

Resumo: O artigo apresenta algumas informações que mostram que a obra literária de Erico Verissimo teve um papel importante além das fronteiras brasileiras, contribuindo com o desenvolvimento do Neorrealismo português, das literaturas angolana, cabo-verdiana e moçambicana, e inspirando a escrita do romance *Cem anos de Solidão*. Nesse sentido, são apresentadas declarações de professores e críticos literários brasileiros e de escritores de Angola, Portugal, Cabo Verde e Moçambique que atestam a recepção da obra do escritor em terras portuguesas e africanas. E, mais importante ainda, declarações dos escritores Pepetela, de Angola, Vergílio Ferreira, de Portugal, e Gabriel Garcia Marquez, da Colômbia, reconhecendo abertamente a influência de Verissimo sobre suas obras.

Palavras-chave: Erico Verissimo, Literaturas de Língua Portuguesa, Literatura Latino-americana.

Abstract: This article presents some information that shows that literary work of Erico Verissimo played an important role beyond the borders of Brazil, contributing to the development of Portuguese Neo-realism, the Angola, Cape Verde and Mozambique literatures, and inspiring the writing of a novel *Cem anos de solidão*. In this sense, declarations of teachers and literary Brazilian critics as well as Angola, Portugal, Mozambique and Cape Verde writers are presented to attest the reception of the Portuguese writer work in Portuguese and African lands. And most importantly, statements of writers Pepetela, from Angola, Virgil Ferreira, from Portugal, and Gabriel Garcia Marquez from Colombia, openly recognizing the influence of Verissimo in their work.

Keywords: Erico Verissimo, Literatures of Portuguese Language, Latin American Literature

¹ Doutor em Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) pela Universidade de São Paulo. Docente do curso de Letras da Faculdade de Telêmaco Borba.

Erico Verissimo foi, certamente, um dos grandes escritores do Modernismo brasileiro, embora uma parte da crítica literária ainda não reconheça o valor e a importância de sua obra para o desenvolvimento da narrativa brasileira, não levando em consideração as inovações formais que o escritor trouxe à nossa literatura, a partir dos anos 30, com a introdução das técnicas do contraponto e da simultaneidade das ações narradas, utilizadas inicialmente nos romances *Caminhos cruzados* e *O resto é silêncio*, fato que revolucionou o romance urbano modernista. Nesse sentido, lembramos a observação feita por Wilson Martins (1965, p.294), de que o autor gaúcho é um dos escritores fundamentais da geração consolidadora do Modernismo por ter conseguido produzir o romance urbano fora de São Paulo, coisa que, segundo ele, nenhum dos revolucionários de 1922 tinha conseguido fazer.

Outra grande contribuição que Erico trouxe à Literatura Brasileira foi a estrutura narrativa inovadora que ele utilizou na elaboração da trilogia *O tempo e o vento*, algo que, segundo Flávio Loureiro Chaves (2001), foi a resolução formal do romance histórico brasileiro, procurada desde o Romantismo por José de Alencar. Em consonância com essa afirmação estão as vozes de Maria da Glória Bordini e Regina Zilberman:

Nenhum historiador da literatura brasileira negaria o papel seminal que *O tempo e o vento*, de Erico Verissimo, exerceu desde a publicação de *O continente*, primeiro volume da trilogia, em 1949. Desde o Romantismo, a ficção brasileira vinha buscando um paradigma para o romance histórico, que resumiria para a nação e para as diferentes classes sociais suas diferentes trajetórias, composição étnica e, sobretudo, o destino e a função que compete a cada uma delas no arranjo complexo e desigual do país. [...]

Com o passar do tempo e o aparecimento dos volumes subsequentes da trilogia, *O retrato*, em 1951, e *O arquipélago*, entre 1961 e 1962, foi consolidando o consenso: estava-se diante da realização de um antigo projeto da sociedade e da cultura brasileira, enfim concretizado. Dificilmente um historiador da literatura brasileira bem-intencionado e bem informado deixará de reconhecer e registrar esse aspecto. (BORDINI, ZILBERMAN, 2004, p. 13-14)

A importância da obra de Erico Verissimo, embora ainda não totalmente reconhecida no Brasil, ultrapassa as fronteiras brasileiras. Além de ter tido uma boa recepção nos países de língua portuguesa (Angola, Cabo Verde, Moçambique e

ÉRICO VERÍSSIMO ALÉM-FRONTEIRAS

Portugal), é sabido que ela contribuiu decisivamente na formação de um Prêmio Nobel de Literatura e de dois Prêmios Camões, a saber: Gabriel Garcia Marquez, Vergílio Ferreira e Pepetela.

Começando por Portugal, em *Solo de clarineta* (1976), Erico Verissimo conta a sua viagem a esse país em 1969 e a recepção que teve dada a importância que sua obra tinha conquistado por lá. Na época, o crítico literário Álvaro Lins, então embaixador do Brasil em Portugal, preparou um *cocktail* em homenagem a ele e sua esposa Mafalda, no qual estiveram presentes mais de 300 convidados, todos ligados à vida cultural portuguesa. Transcrevemos um trecho do livro de Álvaro Lins, *Missão em Portugal* (1960), que Erico cita no seu livro de memórias:

Lisboa, 21 de fevereiro de 1959

Cocktail ao Erico e Mafalda aqui na Embaixada. Durante uns quarenta minutos estivemos, Heloisa e eu, na entrada do salão, recebendo os convidados, pois foram mais de 300! Compareceu tudo o que Lisboa tem de melhor em sua vida literária, em sua vida artística, em sua vida cultural. Em edição de fim de tarde, e no conhecimento da lista dos convidados, o "Diário de Notícias" comentava que raramente, em quaisquer salões de Embaixadas, se teria visto aqui uma recepção de tais proporções, tanto pelo número como pela qualidade, conjuntamente, dos convidados. (VERÍSSIMO, 1976, p. 77)

Em Portugal Erico teve a oportunidade de medir o prestígio que sua obra desfrutava por lá e de conhecer praticamente todos os escritores vivos da época, pessoas de quem era leitor e admirava. Desses, cabe destacar aqui o encontro com Vergílio Ferreira, sobre o qual observa:

Estou sentado entre dois portugueses que admiro e estimo, e que, após alguns minutos de conversação, já posso considerar meus amigos: Maria Lamas e Vergílio Ferreira. [...] Quanto a Vergílio Ferreira, que terá pouco mais de quarenta anos, é um homem cuja face inspira simpatia e confiança. Fala pouco e sabe escutar. Nota-se-lhe nos olhos uma expressão de desalento, de desesperança. Conheço dele apenas um livro, um de seus primeiros romances, ainda do tempo em que os críticos lhe haviam pespegado o rótulo de neo-realista. É possível que Ferreira tivesse pertencido a essa escola, mas nos seus últimos romances tem-se agora revelado um escritor aberto aos problemas existenciais do homem.

(Um ano mais tarde Vergílio me enviaria o seu *A parição*, admirável

estória psicológica sobre a qual o crítico João Gaspar Simões viria a escrever: “Eis-nos sem dúvida perante um dos romances mais notáveis escritos em língua portuguesa depois de *Eça de Queirós*”). Não sei, não pergunto e creio até que não desejo saber se Vergílio Ferreira leu algum de meus livros. Estou certo de que entre os intelectuais portugueses que me têm recebido tão cordialmente haverá muitos – provavelmente a maioria – que nunca abriram um livro de minha autoria ou, se abriram, não gostaram ou ficaram indiferentes. Nada disso, porém, me preocupa. O importante é que eles parecem ver em mim um companheiro de lutas democráticas, Isso, sim, me alegra. (VERISSIMO, 1976, p. 210-211)

Quase vinte anos depois, em 1978, Vergílio Ferreira, numa palestra na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, admitiu a influência de Erico Verissimo sobre a sua obra, conforme nos informa José Edil de Lima Alves:

O referido depoimento foi prestado durante debate com alunos de Pós-graduação na Faculdade de Letras da UFRJ, então na Av. República do Chile. A aluna Olívia Gomes Barradas fez uma intervenção, indagando se Vergílio Ferreira reconhecia a influência de Jorge Amado em sua obra o que se ensejou a resposta negativa do autor de *Vagão J* e afirmação de que admitia a influência de Erico Verissimo sobre a sua produção literária. (ALVES, 1986, p. 27)

Há muito tempo que é reconhecida a influência de romancistas brasileiros da geração de 30 sobre os autores do Neorrealismo português. No entanto, essa influência era creditada somente a Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Amando Fontes, Rachel de Queiroz e Jorge Amado. Sendo assim, o depoimento de Vergílio insere Erico oficialmente entre os seus pares de 30 que contribuíram para o desenvolvimento de uma literatura de abordagem social em Portugal.

Nesse sentido, o professor José Edil, no artigo “A importância da Literatura Brasileira dos anos 30 para o Neorrealismo português”, publicado nos Anais do I Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada, cita dois artigos publicados em 1938 em Portugal que atestam a importância da obra de Erico Verissimo por lá. No primeiro deles, “Breves considerações sobre o romance brasileiro contemporâneo”, publicado no *Sol Nascente*, Afonso Ribeiro cita Erico entre os escritores mais destacados do período. No segundo, “Erico Verissimo – o maior romancista do Brasil”, publicado n’ *O diabo*, João Rubem considera o escritor gaúcho como o mais importante entre os autores modernistas brasileiros.

ÉRICO VERÍSSIMO ALÉM-FRONTEIRAS

Nos países africanos de língua portuguesa, colônias lusitanas no período de vida de Erico, a recepção de sua obra também não foi diferente. O seu nome quase sempre é citado ao lado de outros modernistas brasileiros por críticos literários e professores que estudam as relações literárias entre Brasil, Angola, Cabo Verde e Moçambique, e também por escritores desses países como um dos autores brasileiros lidos em terras africanas que tiveram importância no processo de formação das suas respectivas literaturas. Por exemplo, Benjamin Abdala Júnior cita um depoimento de Gilberto Freire transcrito anteriormente por Manuel Ferreira, referente à constatação feita pelo sociólogo brasileiro quando esteve em visita a Cabo Verde:

A linguagem do romancista Jorge Amado, por exemplo, ou a do romancista José Lins do Rego ou a do romancista Erico Verissimo, ou a do poeta Manuel Bandeira, ou a do poeta Jorge de Lima tem hoje imitadores entre os jovens de Cabo Verde, da África, do próprio Portugal. Imitadores que, nessa imitação antes ativa que servil, se utilizam de equivalentes regionais nativos das expressões portuguesas ou mestiças empregadas por vigorosos escritores brasileiros de hoje sob o impacto de condições antes regionais que nacionais da vida brasileira. (apud. ABDALA JÚNIOR, 2003, p. 121-122)

Também em Cabo Verde, segundo José Edil (1986), *Clarissa*, o primeiro romance de Erico, foi destaque num artigo intitulado “Clarissa e a arte de Erico Verissimo”, publicado por António Aurélio Gonçalves, em 1935, na *Revista Claridade*, importante periódico de expressão da cultura cabo-verdiana na época.

A professora Rita Chaves (2005), num ensaio sobre as literaturas angolana e moçambicana (“Angola e Moçambique: o lugar das diferenças nas identidades em processo”) cita Erico entre os escritores brasileiros que deram a sua contribuição para a formação das duas jovens literaturas. Segundo ela:

Invertendo a rota que trouxe os escravos que viriam construir o Brasil, daqui seguiriam, sobretudo a partir da década de 50, páginas e páginas de ficção e poesia (brasileira) que seriam recebidos com muito entusiasmo pela intelectualidade de Angola e Moçambique.

Percorrendo rotas sinuosas para evitar a censura, os livros levavam notícias de nossa experiência cultural, alimentando imagens que, sem corresponder à realidade de um cotidiano ainda amargo no terreno das contradições sociais e da discriminação racial, foram catalisadas pelos escritores africanos na clave progressista e

participaram da formação do pensamento nacionalista urbano nesses dois países. Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Rachel de Queirós, Erico Verissimo, e poetas como Manuel Bandeira e Ribeiro Couto tornaram-se nomes de grande densidade no repertório de leituras nas duas costas africanas. (CHAVES, 2005, p. 257-258)

Para corroborar as palavras de Rita Chaves basta observarmos as declarações de alguns escritores angolanos e moçambicanos em entrevistas concedidas a Michel Laban. Citamos duas delas para exemplificação: a primeira, da moçambicana Lília Momplé, e a segunda, do angolano Arlindo Babeitos, respectivamente:

Os escritores que marcaram mais foram os brasileiros, e alguns portugueses. Mas talvez mais os brasileiros: Jorge Amado... Tinha para aí dezesseis anos, já lia. Comecei com o Erico Verissimo, o Jorge Amado. Dos poetas, com o Manuel Bandeira. Sabia de cor versos dele. Marcaram-me bastante. (apud. LABAN, 1991, p. 593)

As publicações brasileiras vinham normalmente do Brasil para Angola. O poder colonial que nos isolava de África e do mundo, via no Brasil a continuação da portugalidade. Por isso, essa presença, como da música, contribuía ao aportuguesamento.

Nós tínhamos Lins do Rego; eu li com 12 ou 13 anos de idade. Erico Verissimo, *O tempo e o vento*, mas sem perceber ao certo de que se tratava... mas li quase tudo. Jorge Amado, como não podia deixar de ser... e preferia, sem a menor sombra de dúvida, a literatura brasileira à portuguesa – que me irritava bastante. (apud. LABAN, 1991, p. 605)

Dessa forma, Erico figura entre os escritores modernistas brasileiros que contribuíram decisivamente na formação intelectual de vários escritores africanos de língua portuguesa, e, por conseguinte, na formação das literaturas de Angola, Cabo Verde e Moçambique.

A mais importante declaração sobre a contribuição que Erico deu a essas literaturas vem do escritor angolano Pepetela. Em uma entrevista concedida ao jornalista Wilson Bueno, do jornal *O Estado de São Paulo*, cujo trecho foi reproduzido por Rita Chaves e Tania Macêdo no livro *Portanto... Pepetela* (2002), ele admite ter sido influenciado por Erico:

Reconheço grande influência dos escritores brasileiros que lia e relia quando muito jovem: Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Erico Verissimo. Foram os meus mestres. Dos actuais, destaco

ÉRICO VERÍSSIMO ALÉM-FRONTEIRAS

João Ubaldo Ribeiro, entre muitos que admiro. (PEPETELA, 2002, p. 35).

Consideramos que essa declaração é a mais significativa porque em algumas obras de Pepetela é possível vislumbrar muitas semelhanças com alguns romances de Erico. Por exemplo, a discussão política sobre a revolução e o papel do intelectual que Pepetela faz em *Mayombe* (1980) lembra muito a que foi feita por Erico em *O senhor embaixador* (1965). A abordagem da história angolana realizada no romance histórico *Yaka* (1984), a partir da família Semedo e de seu sapalalo, é muito semelhante à saga dos Terra-Cambará fixados no sobrado, em *O tempo e o vento*. A utilização de um mote (o cão em *O cão e os caluandas*) como pretexto para desvendar o comportamento e o pensamento dos diversos estratos sociais de uma cidade feita por Pepetela é similar ao recurso utilizado por Erico (o suicídio de Joana Karewska em *O resto é silêncio* para revelar as várias facetas da sociedade portalegrense; assim como a utilização de dois tempos históricos em *Lueji* (1988) faz lembrar a estrutura narrativa de *O tempo e o vento*.

Fora do sistema literário de língua portuguesa, Erico Verissimo deu uma grande contribuição à Literatura Latino-americana ao influenciar o Prêmio Nobel de Literatura de 1982, Gabriel Garcia Marquez, na escrita de *Cem anos de solidão*. O roteirista Doc Comparato, que adaptou *O tempo e o vento* para a televisão em 1985, conta que foi escolhido por Garcia Marquez para trabalhar com ele justamente por ter sabido adaptar uma das obras inspiradoras para a elaboração do grande clássico da Literatura Mundial. No prefácio de *Me alugo para sonhar* (2001), uma oficina de roteiro escrita pelo escritor colombiano e pelo roteirista brasileiro, Comparato conta como foi abordado por Garcia Marquez e o modo como ele confessou sua admiração e dívida com Erico Verissimo:

Tudo aconteceu em Moscou.

Estava no saguão do Hotel Rússia à espera do carro que me levaria para a antiga televisão soviética, onde escrevia com o roteirista Alexander Chlepianov uma minissérie chamada "Landsdorff". Foi quando alguém me cutucou no ombro. Ao virar, fiquei atônito.

Coño! Até que enfim te encontro. Muito prazer. Hoje à noite você janta comigo e Mercedes. E se prepare! Vamos trabalhar juntos.

[...]

Um conjunto bastante perplexante para todos. Especialmente pra mim naquela manhã moscovita, pois não parava de me perguntar como e por que Gabriel Garcia Marquez queria trabalhar comigo. E mais. De onde ele conhecia meus ombros, estatura e careca?

Meses depois quando estávamos em Paris, já estruturando o projeto da minissérie que nasceria de uma mistura de seminário com tutoria, Gabo contou que tomou conhecimento da minha existência através da adaptação que fiz de “O tempo e o vento”, de Erico Verissimo.

Presidente do Júri do Festival Internacional de Havana no ano anterior, Gabo tinha premiado com grande júbilo a minissérie da Rede Globo com o maior prêmio da competição, o Coral Negro. Não só porque o produto era realmente o melhor sob todos os pontos de vista, mas também porque ele nutria em seu espírito uma dívida secreta com a obra de Verissimo.

Conô! “O tempo e o vento” foi um dos três livros que estudei para escrever “Cem anos de solidão”. Verissimo foi genial ao manejar a saga de uma família através dos tempos. É uma pena que tão poucos brasileiros reconheçam isso. Enfim te escolhi para trabalhar comigo porque você conseguiu adaptar a minha fonte inspiradora!

Penso até hoje que Gabo desejava mesmo era trabalhar em parceria com Erico Verissimo. Todavia acabou se satisfazendo com o adaptador televisivo do extraordinário escritor gaúcho.

Concluo concordando com Baudelaire que a vida foi feita para ser transformada em livro. Afinal o projeto de “Me alugo para sonhar” aconteceu porque Gabo e eu lemos Erico Verissimo. (COMPARATO, 2001, p. 11-12)

No entanto, apesar de Erico ter inspirado a escrita de um romance do nível de *Cem anos de solidão*, e de grande parte de sua obra estar em consonância com o que se produzia na América Latina, há quase um total silêncio em relação ao seu nome quando se fala em crítica literária latino-americana. Só para se ter alguns exemplos, Angel Rama (apud. AGUIAR, VASCONCELOS, 2001) apenas cita o nome de Erico Verissimo no seu ensaio “Meio século de narrativa latino-americana”, não merecendo o escritor gaúcho nenhum comentário da parte do crítico; Seymour Menton classifica *O continente* como talvez sendo o mais importante romance histórico tradicional da América Latina, mas ao mesmo tempo nega qualquer tipo de

contribuição da trilogia *O tempo e o vento* para o surgimento do novo romance histórico latino-americano; e num livro organizado por Daniel Balderston sobre o romance histórico na América Latina, *The historical novel in Latin America* (1986), o nome de Erico é apenas citado na introdução, não merecendo também nenhum comentário ou uma abordagem num dos artigos do livro.

Neste ponto, fazemos eco à voz de Flávio Loureiro Chaves (2001, p.108), para quem a contribuição de Erico Verissimo tem de ser considerada no caudal do processo de decifração e representação da história, que dominou a literatura latino-americana a partir dos anos 60 e que produziu escritores do quilate de Miguel Angel Asturias, Alejo Carpentier, Gabriel Garcia Marquez, Carlos Fuentes, Augusto Roa Bastos e Mario Vargas Llosa.

Nesse sentido, Maria da Glória Bordini e Regina Zilberman (2004) também reivindicam o reconhecimento da importância de *O tempo e o vento* para o desenvolvimento do romance histórico pós-moderno, ou da metaficção historiográfica, conforme teoriza Linda Hutcheon (1991), ou ainda do novo romance histórico, na acepção de Seymour Menton (1993). Segundo elas:

Não basta, porém, entender o lugar de *O Tempo e o Vento* na história da literatura brasileira para definir sua importância e atualidade. Sem deixar de reconhecer os aspectos destacados, cabe lembrar igualmente seu caráter, digamos, premonitório. Tendo sido publicado entre 1949 e 1962, ele vai antecipar uma vertente da estética pós-moderna, que, no âmbito do romance, caracterizar-se-á pela busca de revisão, desconstrução e reconstrução na narrativa histórica. Erico Verissimo, portanto, não apenas concretizou metas formuladas para a literatura nacional desde o Romantismo, quando os letrados e intelectuais lutavam para expressar e garantir uma arte autenticamente brasileira, livre das amarras européias, metropolitanas e coloniais. Ele se inscreve também na corrente que, depois dos anos 80 do século XX, se tornará mais nítida para a historiografia da literatura e que terá, entre seus expoentes em língua portuguesa, escritores do porte de José Saramago: a que se inscreve na história para alegorizar a atualidade e discutir os paradigmas por meio dos quais a sociedade se mede e se valia. (BORDINI, ZILBERMAN, 2004, p. 18-19)

O não total reconhecimento da importância que a obra de Erico Verissimo teve não só para o desenvolvimento da literatura brasileira, como também das contribuições que deu

à literatura latino-americana e às literaturas de língua portuguesa nos faz lembrar o comentário feito na década de 60 por Wilson Martins (1965), citado tempo depois por Alfredo Bosi na *História Concisa da Literatura Brasileira* (2004). Na época, o crítico literário chamava a atenção para o fato de Erico Veríssimo estar na contramão da história do Modernismo brasileiro por ser o único exemplo de escritor subestimado dentro do movimento, enquanto que o espetáculo mais comum no cenário modernista era o de escritores superestimados. Segundo ele, Erico estaria à espera dos grandes ensaios críticos, das análises exaustivas e, principalmente, do reconhecimento do que ele realmente representa dentro da Literatura Brasileira.

Obviamente, esta situação alertada por Wilson Martins melhorou nas décadas seguintes, mas ainda assim o comentário continua muito atual. É necessário lançar luz sobre a penumbra que envolve o nome de Erico Veríssimo quando se pensa em escritores brasileiros que foram importantes dentro e fora do nosso sistema literário, pois, conforme expusemos neste artigo, além de ter sido um escritor fundamental no processo de desenvolvimento da narrativa brasileira, a sua obra influenciou escritores do porte de Gabriel Garcia

Marquez, Vergílio Ferreira e Pepetela. Assim como Clarissa, Vasco, Fernanda e Noel, seus personagens, tiveram o seu lugar ao sol, já está mais do que na hora do criador também ter o seu.

Bibliografia

ABDALA JÚNIOR, B. *De vãos e ilhas: literatura e comunitarismos*. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

AGUIAR, F; VASCONCELOS, S. G. (orgs.). *Angel Rama: literatura e cultura na América Latina*. São Paulo: Edusp, 2001.

ALVES, J. E. L: A importância da literatura brasileira dos anos 30 para o Neorrealismo português *Intertextualidade e interdisciplinaridade: Anais do 1º Congresso ABRALIC*. Porto Alegre, ABRALIC, 1986. Vol. 3, p. 24-35.

Balderston, D. *The historical novel in Latin America: a symposium*. Gaithersburg: Hispamérica, 1986.

ÉRICO VERÍSSIMO ALÉM-FRONTEIRAS

BORDINI, M. G.; ZILBERMAN, R. *O tempo e o vento – história, invenção e metamorfose*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BOSI, A. *História concisa da Literatura Brasileira*. 34 ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

CHAVES, F. L. *O escritor e o seu tempo*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2001.

CHAVES, R. *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios ocupados*. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.

CHAVES, R.; MACÊDO, T. (orgs.) *Portanto... Pepetela*. Luanda: Chá de Caxinde, 2002.

HUTCHEON, L. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LABAN, M. *Angola encontro com escritores*. Porto: Fundação Antonio Almeida, 1991.

_____: *Moçambique encontro com escritores*. Porto: Fundação Antonio Almeida, 1991.

MARQUEZ, G. G. *Cem anos de solidão*. 45 ed. São Paulo: Record, 1998.

MARQUEZ, G. G; COMPARATO, D. et. al. *Me alugo para sonhar*. Trad. Eric Nepomuceno, Maria do Carmo Brito. 3 reimpressão. Rio de Janeiro: Casa Jorge Editorial, 2001.

MENTON, S. *La nueva novela histórica de la América Latina. 1979-1992*. México: FCE, 1993.

PEPETELA. *Lueji*. 3 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

_____. *Mayombe*. São Paulo: Ática, 1984.

_____. *O cão e os caluandas*. 3 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1986.

_____. *Yaka*. 4 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1985.

VERISSIMO, E. *Caminhos cruzados*. São Paulo: Globo, 1997.

_____. *Incidente em Antares*. 45 ed. São Paulo: Globo, 1997.

_____. *O arquipélago*. 34 ed. São Paulo: Globo, 1997.

_____. *O continente*. 34 ed. São Paulo: Globo, 1997.

_____. *O resto é silêncio*. São Paulo: Globo, 1997.

Donizeth Santos

- _____. *O retrato*. 34 ed. São Paulo: Globo, 1997.
- _____. *O senhor embaixador*. Porto Alegre: Globo, 1965.
- _____. *Solo de clarineta: memórias*. 2 volume. CHAVES, F. L. (org.) Porto Alegre: Globo, 1976.